



**RELATÓRIO DE INSPEÇÃO CONJUNTA DA COMISSÃO DE DEFESA DOS
DIREITOS HUMANOS E DA COMISSÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL E GÊNERO
DA OAB/AL NA PENITENCIÁRIA MASCULINA BALDOMERO CAVALCANTE
DE OLIVEIRA - MACEIÓ/AL, EM 21 DE JANEIRO DE 2022.**

Maceió/AL, 17 de fevereiro de 2022



I. Detalhamento metodológico da inspeção

i. Unidade prisional inspecionada: Penitenciária Masculina Baldomero Cavalcante de Oliveira.

ii. Data e horário da inspeção: 21 de janeiro de 2022, das 14h às 17h (aproximadamente).

iii. Equipe de inspeção e autores deste relatório: Roberto Moura, Else Freire, Marcus Vasconcelos, Marcos Melo, Arthur Lira, Ana Luiza Albuquerque, Mayara Silva e Ada Rízia Barbosa.

iv. Condições de realização da inspeção:

No dia 21 de janeiro, em horário antecedente à inspeção que ocorreria no mesmo dia, a equipe anteriormente mencionada se encontrou na sede da OAB/AL, onde foram transmitidas orientações técnicas para o momento que se seguiria. O grupo estava formado por profissionais do direito, homens e mulheres, com diferentes experiências prévias em instituições de encarceramento, e com áreas de atuação jurídica diversas, de modo a contribuir com múltiplas nuances e perspectivas no procedimento de observação da unidade prisional e na interlocução com funcionários e com as pessoas em situação de encarceramento. Além disso, compunha a equipe uma pesquisadora da área da sociologia, também com experiência de atuação em instituições de encarceramento, com o objetivo de contribuir junto à equipe no compartilhamento de técnicas relativas à metodologia etnográfica¹, de modo a qualificar o processo observacional da inspeção.

Após esse momento inicial de troca de experiências, a equipe se dirigiu à Unidade Prisional Baldomero Cavalcanti – que, daqui em diante, será referida apenas como Baldomero Cavalcanti, ou Baldomero. Na chegada ao local, conforme previamente agendados dia e horário, o diretor da unidade aguardava a equipe. É importante salientar que, já nesse contato inicial, visualizando a câmera fotográfica portada por um dos componentes do grupo, o diretor informou sobre a *impossibilidade*

¹ Este relatório é produzido a partir de uma orientação etnográfica, metodologia que parte do encontro com o outro, da observação, da escuta, e, posteriormente, da escrita, para a produção de um conhecimento que é necessariamente relacional. Em breves termos, o exercício de escrita etnográfica privilegia a reflexividade sobre a forma como o conhecimento é produzido no encontro com o outro, e sobre as implicações das diferentes posições ocupadas pelos sujeitos do encontro no que é possível de ser visto, ouvido e escrito.



de serem feitos registros visuais (fotos ou filmagens) do interior do Baldomero. Deve-se a isso o fato de não haver fotos que possam contribuir para a caracterização visual das informações aqui relatadas.

Esse foi o primeiro dos entraves encontrados pela equipe na realização da inspeção. Apesar de Roberto Moura, Presidente da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos da OAB/AL, ter reforçado e insistido no respaldo e autorização já consolidados para a realização de registros visuais do interior de unidades prisionais, informação que havia sido fornecida ao diretor com antecedência, por meio do ofício que lhe havia sido encaminhado², este manteve o posicionamento de não autorizar que a equipe fizesse fotos ou filmagens.

Outro entrave encontrado pela equipe na inspeção, mais especificamente relativa à averiguação das condições da estrutura física do Baldomero Cavalcanti, diz respeito ao fato de também *não ter sido possível adentrar no interior dos módulos e das celas, com exceção do módulo Acolhimento* (onde ficam a população LGBTQIAP+, idosos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiências físicas ou doenças graves).

Conforme justificou o diretor da unidade, quando foi solicitado o ingresso no Módulo V, de onde veio a denúncia que motivou a inspeção daquele dia, *não havia quantidade de policiais penais suficientes para garantir a segurança da equipe no ingresso de um módulo* que continha cerca de 390 pessoas encarceradas. Evidentemente, é chamativa uma quantidade tão baixa de policiais penais, 8 naquele dia, numa unidade prisional com mais de 1500 pessoas encarceradas.

Por fim, outro entrave encontrado pela equipe, este talvez o mais importante, se relaciona aos *constrangimentos que permearam o diálogo com os representantes dos módulos no dia da inspeção*. Segundo informou à equipe, ao ser transferido para o Baldomero, há cerca de 4 meses, o diretor da unidade trouxe consigo, da unidade prisional que dirigia anteriormente, alguns reeducandos de sua confiança, que, aparentemente, passaram a cumprir a função de representantes dos módulos. Conforme foi relatado por alguns reeducandos e foi percebido ao longo da inspeção, esses representantes alinham seus discursos às expectativas da gestão, de

² O ofício encaminhado à Secretaria de Ressocialização e Inclusão Social do Estado de Alagoas, solicitando a realização da inspeção, se deu no dia 13 de janeiro de 2022. No dia 17 de janeiro, um novo ofício foi encaminhado, pedindo a remarcação da inspeção para data posterior, 21 de janeiro, quando a visita ocorreu.



modo a suprimir possíveis queixas, críticas ou denúncias. Em praticamente todos os módulos, foram apenas os representantes que se apresentaram para dialogar com a equipe.

A dificuldade de diálogo ficou mais evidente pelo fato de *não ter havido condições de privacidade que permitissem o desenvolvimento de um ambiente de confiança, necessário para que emergissem possíveis dissidências em relação ao discurso padrão elogioso da gestão*. Nos primeiros módulos visitados, a equipe ficava separada dos representantes por cerca de um metro de distância e duas grades. A distância só diminuiu depois de insistência. E, assim, em dois dos módulos visitados, foi possível a interlocução mais aproximada, apenas com um dos gradeados separando equipe e reeducandos. Foi nesses momentos que, finalmente, emergiram discursos dissonantes e denúncias que serão melhor detalhadas adiante.

A dificuldade no diálogo, no entanto, persistiu durante toda a inspeção. Apesar da diminuição da distância física, em todo momento, foi preciso lidar com a presença constante e próxima de policiais penais e do diretor da unidade, o que inibia e constrangia as falas destoantes do tom elogioso predominante. Em alguns momentos, o diretor emitia um tom crítico-ameaçador quando os representantes se aproximavam da equipe para iniciar os diálogos, o que demonstra as *condições tensas e desfavoráveis para o estabelecimento de um diálogo junto aos reeducandos*.

Apesar desses apontamentos, é necessário chamar a atenção para como os mencionados entraves podem ser vistos, também, como indícios de aspectos da gestão e das condições físicas da unidade inspecionada. Por meio dos espaços por onde circulou e dos diálogos, ainda que conturbados, com alguns reeducandos, a equipe pôde ter vislumbres de como é a situação do interior dos módulos, apesar dos impedimentos de registros visuais e da entrada nos módulos. O fato é que tais impedimentos têm o efeito de reforçar a impressão de que *há recônditos que importam não serem vistos, ou, menos ainda, gravados por meio de imagens ou vídeos*.

Além disso, as estratégias de dificultar o diálogo com os reeducandos que pudessem ter discursos e julgamentos dissonantes dos ouvidos por parte dos representantes *de confiança* da gestão apontam para como importa *que algumas vozes sejam silenciadas, e que versões críticas sobre a forma como tem sido gerido o Baldomero Cavalcanti não sejam ouvidas, conhecidas e registradas*. Ou seja, os entraves são dados que precisam também ser considerados. São vestígios de que as



condições dessa unidade prisional podem ter contornos mais agravantes do que a equipe pôde ver ou ouvir. As estratégias de invisibilização e de silenciamento, afinal, acabaram por ter o efeito de chamar a atenção da equipe para a possibilidade de haver situações de violação justamente nos lugares que, intencionalmente, foram deixados às sombras.

Adiante, este relatório está dividido em duas sessões, que trarão, de maneira mais detalhada, as impressões da equipe diante do que foi observado na inspeção. Na primeira sessão, são descritas a estrutura física e as formas de gestão da unidade prisional inspecionada. Na sessão seguinte, são descritas as estratégias mobilizadas pelos reeducandos para contornar as situações de precariedade por eles experienciadas, bem como são elencadas as principais queixas e denúncias por eles elaboradas no dia da inspeção. Por fim, em anexo, traz-se um dos relatos produzidos, em formato de diário de campo, após a inspeção.

II. Gestão institucional e infraestrutura

Conforme foi descrito pelo diretor da unidade, o Baldomero consiste em um presídio descompactado, o que, segundo sua avaliação, seria um fator a dificultar o controle territorial do que acontece em seu interior. Trata-se de um prédio que se estende por um corredor comprido, no qual se ramificam, em suas laterais, salas administrativas, escola, enfermaria e os módulos, que também são construídos em forma de corredor que se ramifica em raios e celas. É nos módulos onde ficam os reeducandos.

Ao longo da inspeção, a equipe atravessou todo o corredor da unidade prisional, e, acompanhada pelo diretor da unidade, adentrou no parlatório, na escola, na enfermaria, em uma copa, em um auditório destinado a cultos e missas, no Seguro, no Acolhimento e em uma cela de *tranca*. As descrições adiante foram produzidas com base no que foi possível de se observar, ver e ouvir, durante a circulação pelos espaços autorizados do Baldomero, bem como no diálogo com o diretor da unidade e com os reeducandos, sobretudo os representantes, que eram os principais interlocutores de cada módulo.

i. Lotação

No dia da inspeção, o Baldomero contava com mais de 1500 pessoas encarceradas, distribuídas entre os módulos 1, 2, 3, 4, e 5, o Acolhimento, o Módulo Especial, a Enfermaria, o Seguro e o COC. Considerando que se trata de uma unidade prisional construída para comportar apenas 418 pessoas encarceradas, fica evidente a condição de superlotação. A



unidade hoje abriga mais do dobro da quantidade máxima ideal de pessoas encarceradas. Na circulação pelo local, foi possível perceber, ainda, situações adversas na distribuição dos reeducandos nos módulos. Entre as mais graves estavam a existência de uma cela que funcionava como uma espécie de *tranca* para pessoas sem convívio e em punição, e a presença de duas travestis fora do Acolhimento. Ambas, também como punição, haviam sido introduzidas no Módulo III, onde foram vítimas de uma série de abusos, e, por isso, no dia da inspeção, estavam no Módulo V. Tais situações serão melhor detalhadas adiante, mas desde já, chama-se a atenção para elas.

Para além dos casos específicos, é necessário enfatizar que a superlotação dos módulos torna as condições de existência dos reeducandos, de maneira generalizada, profundamente precária. No Módulo V, por exemplo, segundo seu representante, havia mais de 390 pessoas encarceradas. As celas, que deveriam comportar até 4 pessoas, poderiam chegar a abrigar até 8. Nessas circunstâncias, não há condições infraestruturais para a manutenção digna dos que partilham do mesmo espaço. Uma queixa apresentada por um dos representantes com quem a equipe dialogou, por exemplo, foi pelo fato de não haver camas suficientes para todos, levando alguns a dormirem no chão.

Outra implicação da superlotação da unidade prisional diz respeito à impossibilidade de oferecer a uma quantidade tão grande de pessoas condições de estudo ou de trabalho. Dos mais de 1500 reeducandos, apenas 300 trabalham, e apenas 180 acessam a escola ou o Pronatec, conforme foi relatado pelo diretor. Ou seja, além da impossibilidade de gerar vagas de estudos ou de trabalho suficientes para tal quantidade de pessoas, o próprio contingente de profissionais e de estrutura física do Baldomero são fatores impeditivos de um maior engajamento dos reeducandos em atividades laborais ou de estudos, que, por sinal, deveriam cumprir a função de remissão de pena.

Conforme registrado em um painel de uma das salas administrativas que a equipe acessou, a distribuição de reeducandos no Baldomero, no mês de janeiro, estava da seguinte maneira:

Módulo Especial: 20 pessoas

COC: 20 pessoas



Acolhimento: 132 pessoas
Módulo I: 217 pessoas
Módulo II: 396 pessoas
Módulo III: 265 pessoas
Módulo IV: 226 pessoas
Módulo V: 396 pessoas
Módulo seguro: 20 pessoas
Presos provisórios: 06 pessoas
Cumprindo pena extra muro: 01 pessoa

ii. Condições físicas da unidade e das celas

Na inspeção, acompanhada pelo diretor da unidade, a equipe adentrou em alguns espaços do Baldomero. Na parte que antecede aos módulos, mais próxima a sua entrada, ficam a escola, o auditório de cultos e missas, uma copa e o parlatório. Com exceção do parlatório, esses primeiros espaços aparentavam ter passado por reformas recentes: as paredes estavam pintadas e sem infiltrações. As salas de aula, que se ramificavam em um corredor, eram amplas, bem iluminadas e arejadas. O auditório de missas e cultos é novo e bastante moderno, iluminado e limpo, destoando, inclusive, de todo o resto da unidade. A copa também consistia em um ambiente iluminado e arejado.

Outro espaço adentrado pela equipe foi o parlatório, que se mostrou um ambiente, por diversos motivos, inadequado para o trabalho dos advogados e para os reeducandos que dele se utilizam. Trata-se de um ambiente quente, pouco ventilado, e, sendo ainda mais grave, que dificulta a comunicação entre reeducando e advogado, tendo em vista que o vidro que os separa impede a escuta no momento da comunicação.

Ao adentrar no corredor principal que, depois desses espaços iniciais, dá para os módulos, notavam-se mais sinais de deterioração na infraestrutura da unidade. Nas laterais, nos ambientes externos, praticamente não existia equipamentos para uso dos reeducandos, como de atividade física, por exemplo. A área exterior consiste em terrenos abertos, cobertos de mato e com valas semidescobertas por onde circula a encaiação e esgoto a céu aberto. Em um primeiro momento, na pintura das paredes, era possível ver marcas de inundação de água, adentrando mais, era possível perceber muitas infiltrações nos tetos e paredes. O ambiente também ficava



mais quente e mal iluminado, com as fiações expostas, conforme também foi possível de verificar no interior dos módulos. Segundo um dos representantes, a mesma situação é possível de se encontrar no interior das celas.

O fato de a equipe não ter sido autorizada a entrar nos módulos, apesar de ter impedido a visualização de suas condições, não impediu que fossem percebidos vestígios de deterioração infraestrutural, também, nos ambientes habitados pelos reeducandos. Os módulos consistem em uma ampla área, um espaço comum, parte coberta e parte aberta, onde ocorre o banho de sol. Nesse lugar, se aglomeravam os reeducandos, aparentemente ociosos pela falta de atividades ao longo do dia. Aos fundos dessa área, ficam os raios, lado a lado, e, neles, as 48 celas, número padrão em todos os módulos. Conforme relataram alguns representantes, além do problema de superlotação a dificultar a dormida, há problemas de infiltração nas celas, alguns banheiros não dispõem de vasos sanitários, para além do calor com que têm de lidar. É chamativo, ainda, que uma parte da instalação elétrica é feita pelos próprios reeducandos, que, segundo relataram, dividem o valor do material utilizado, e eles mesmos atravessam os fios expostos no interior dos módulos para abastecer de energia o lugar.

Uma das celas que, de maneira específica, foi possível ver mais de perto foi a do Seguro. A aproximação foi possível justamente pelo fato de ser um ambiente, aparentemente improvisado, do lado de fora dos módulos. Segundo o diretor da unidade, os dois reeducandos que dividiam o espaço haviam perdido o convívio nos módulos. No diálogo com ambos, eles alegaram estar sem colchão, dormindo no chão, conforme a equipe pôde visualizar. Trata-se de uma cela em formato de corredor. Em um dos lados, em uma parte não exposta pelas grades, segundo eles disseram, fica o banheiro, também improvisado, consistindo, segundo eles, apenas em um buraco. Os dois reeducandos estavam no local há alguns dias, em um ambiente praticamente desprovido de qualquer condição estrutural de habitabilidade. Embora, no momento, só estivessem os dois no lugar, eles relataram que já chegaram a ficar 22 pessoas encarceradas no Seguro, espaço evidentemente inadequado e bastante precário.

O único módulo em que a equipe de inspeção pôde entrar, o Acolhimento, tinha uma estrutura diferente dos demais módulos, pois sua entrada, ao invés do pátio, consistia em um corredor, em cujas laterais ficavam copas e pequenas celas. Aos



fundos, ficava um pátio descoberto, onde uma parte da equipe teve a oportunidade de dialogar com as pessoas que ali estavam encarceradas, como uma demanda levantada pelo próprio diretor da unidade, que demonstrou interesse em ter orientações em relação às demandas que vinha recebendo de parte da população LGBTQIAP+. Nesse diálogo, inclusive, surgiram queixas em relação às necessidades de saúde das pessoas do Acolhimento que não estavam sendo atendidas, como será descrito em tópico adiante.

Convém chamar a atenção, ainda, para um dos espaços adentrados por parte da equipe no interior do Acolhimento. Trata-se de uma cela pequena e insalubre onde funciona uma espécie de *tranca*, naquele dia, abrigando 5 reeducandos que estavam sendo punidos por terem sido flagrados em descumprimento de regras da unidade. A cela que, com dificuldade, deveria abrigar 4 pessoas era um espaço retangular, com duas beliches de alvenaria uma de frente para outra e um banheiro aos fundos. O ambiente escuro e extremamente quente fazia com que os reeducandos se dividissem ao longo do dia em banhos, conforme o piso molhado confirmava suas queixas. O banheiro, como outros reeducandos já haviam se queixado, consistia em um buraco no lugar do sanitário, de onde eventualmente saíam ratos, e um chuveiro. Considerando que essa foi a única cela adentrada pela equipe, não é possível saber se as celas dos módulos, por exemplo, estão nas mesmas condições, embora seja possível afirmar, com base nos relatos ouvidos e no que foi visto nos corredores do Baldomero, que, provavelmente, esses outros espaços também devem apresentar graves problemas estruturais, tais como infiltrações, banheiros inadequados, superlotação e ventilação precária.

iii. Alimentação

No período em que estive na unidade, a equipe de inspeção pôde presenciar a entrega de alimentação nos módulos. Logo na entrada da unidade, no pátio externo, era possível visualizar, em um painel da instituição, a informação de que as feiras estavam sendo entregues pelas famílias em dias da semana específicos para cada módulo. No interior da unidade, em um dos corredores, estavam as sacolas plásticas contendo as feiras dos reeducandos de algum dos módulos a receber naquele dia. Segundo relatou o diretor da unidade, a entrega era feita pelos próprios reeducandos, e os que exerciam essa função eram considerados também trabalhadores da unidade, o que servia para a remissão de suas penas.

Houve relatos, no entanto, de que as feiras não estavam sendo entregues em lugares específicos. No Seguro e na cela do *tranca* foi relatado pelos reeducandos que, embora suas



famílias estivessem enviando suas feiras, estas não estavam sendo entregues nos espaços de isolamento onde se encontravam. Outra queixa apresentada pelos representantes de um dos módulos visitados foi que, no período de pandemia, alguns alimentos que antes vinham nas feiras foram cortados, tais como: queijo, presunto, ovos, cuscuz, melão e mamão. Os representantes insistiram para que a equipe de inspeção demandasse à gestão que houvesse autorização para o retorno desses alimentos que fazem falta e que, muito provavelmente, não compõem a dieta fornecida na unidade.

Durante a inspeção, a equipe teve a oportunidade, ainda, de acompanhar parte do momento de distribuição de alimentos. Ao atravessar o corredor dos módulos, em uma das portas laterais que dava para uma área externa, era possível ver as caixas de plástico contendo pães seda. Ressalte-se que os pães estavam expostos, de modo que havia moscas e insetos pousando no alimento. Os pães também eram entregues por uma equipe de reeducandos, trabalhadores, que deixavam as caixas de pão e garrafas térmicas com suco do lado externo do gradeado. Os representantes dos módulos, então, assumiam a distribuição. Era feita uma fila e cada reeducando recebia uma sacola de pão.

Apesar das queixas acima apresentadas, no diálogo com os representantes dos módulos, eles foram, de maneira geral, elogiosos da alimentação fornecida no Baldomero, enfatizando que, com a recente mudança de gestão, ela estava vindo com mais qualidade, e que suas necessidades estavam sendo atendidas, inclusive quando solicitavam pela troca de algum alimento que lhes desagradasse, pedido que era prontamente aceito. De maneira geral, nos módulos, foi relatado que os reeducandos estavam recebendo regularmente as feiras e material de higiene.

Outro caso particular em relação à alimentação, e que também merece atenção e acompanhamento é o do Módulo Acolhimento, onde, por parte de reeducandos, houve a queixa de estarem enfrentando abandono parental, o que faz com que uma parte das pessoas ali encarceradas não recebam alimentação ou itens de higiene para além do que é fornecido pela própria instituição, o que não dá conta de todas as suas necessidades diárias. Nesse quesito, a população LGBTQIAP+ é, de maneira específica, uma das mais afetadas pelo abandono material, que não deixa de ser



também afetivo, por parte das suas famílias, agravando as condições de precariedade já enfrentadas enquanto encarcerada.

iv. Visitas íntima e social

Por meio do diálogo com os reeducandos, a equipe pôde ter algumas informações sobre como têm ocorrido as visitas. Segundo foi relatado, as visitas estão acontecendo apenas mensalmente, em decorrência das limitações impostas pela pandemia. Nos dias de visita íntima, os raios são divididos entre os que receberão visitas e os que não receberão. Assim, as celas são divididas com lençóis para que as visitas ocorram simultaneamente. Em suma, trata-se de uma estrutura improvisada pelos próprios reeducandos, para que, de alguma maneira, haja algum vestígio de privacidade num dos poucos momentos de provimento de afeto enquanto estão em situação de encarceramento.

As principais queixas em torno das visitas surgiram, no entanto, nos módulos do Seguro, no *Tranca* e no Acolhimento. No Seguro, um dos reeducandos se queixou por não ser oriundo de Maceió, de modo que, por sua família residir longe, não estava recebendo visitas ou a feira. Sua demanda era para ser transferido para mais próximo da família, pedido que foi apresentado por outros reeducandos oriundos de diferentes estados que não Alagoas ao longo da inspeção. No *tranca* a queixa se deveu ao fato de terem perdido o contato com suas famílias ao terem sido retirados do convívio e transferido para as celas isoladas. Assim, estavam incomunicáveis e sem receber itens de alimentação e higiene que suas famílias poderiam ter enviado.

No Acolhimento, a queixa vinha do grupo LGBTQIAP+. Embora o diretor da unidade tenha afirmado ter autorizado que dividissem a mesma cela as pessoas que estivessem em uma relação amoroso-sexual, a queixa apresentada por essa população em específico era de que não tinham a autorização para receber a visita íntima como os demais reeducandos, o que é chamativo se se considerar seus relatos de abandono parental.

Reforça-se que é por meio das visitas, sociais e íntimas, que os reeducandos acessam a itens que são essenciais ao seu provimento material, alimentar e de higiene, no período de encarceramento. Mas não apenas isso. Como já foi dito anteriormente, as visitas são também momentos de provimento de afeto, que é também essencial à saúde emocional, física e mental, à sobrevida diante da experiência de encarceramento.



v. *Saúde*

Uma das questões sempre levantada pela equipe de inspeção no diálogo com os representantes dos módulos era sobre o atendimento de saúde. Na conversa inicial com o diretor da unidade, ele esclareceu que todos os atendimentos aos reeducandos com os profissionais de saúde ocorriam por meio de mutirões periódicos. Nas primeiras unidades em que a equipe se deteve para dialogar com os representantes, questionados sobre o assunto, eles respondiam, como às outras questões, que recebiam atendimento de saúde sempre que demandavam, e que não tinham queixas.

Vale ressaltar que, questionados sobre os possíveis casos de covid-19, doença, como já se sabe, muito contagiosa, os reeducandos mencionaram que não sabiam se houve casos, pois não foram feitos testes, mas que algumas pessoas apresentaram sintomas grupais e, dentro das condições que dispunham, procuraram isolar quem assim estivesse. Considerando a já mencionada superlotação dos módulos, é evidente que não existem condições adequadas para a prevenção dos contágios caso algum dos reeducandos contraia uma doença infecciosa, como a covid-19, ou mesmo outra, como a tuberculose, doença que também foi mencionada pelos reeducandos com quem a equipe dialogou. Em todos os módulos, os representantes afirmaram que a vacina da covid-19 havia sido aplicada, ao menos as duas doses.

Apesar da dificuldade no estabelecimento de condições de confiança que permitissem a emergência de discursos dissidentes dos elogiosos da gestão institucional, em um dos módulos inspecionados, um dos reeducandos, com o afastamento dos funcionários da unidade, trouxe, então, informações de extrema importância sobre como se dá a gestão da saúde no Baldomero. Segundo foi relatado, seria “proibido passar mal à noite” na unidade prisional. Ou seja, segundo foi dito, caso algum reeducando se sinta mal e precise de atendimento com urgência no período da noite, os companheiros de cela do doente preferem esperar até o outro dia. O motivo, foi dito, é que, ao chamar pelos policiais penais – que ficam em um local muito afastado, o que demanda um esforço de fazer muito barulho para que eles ouçam –, a energia de toda a unidade é desligada, e ocorrem retaliações, agressões físicas, quando esses funcionários entram nos módulos para retirar o doente. É importante salientar que essa denúncia foi feita sob constrangimento, pois, a todo momento, o reeducando repetia o temor de sofrer retaliações se fosse descoberto que ele era quem a fazia.



Além disso, em algumas das unidades visitadas, foram detectados dezenas de casos de pessoas com demandas de saúde graves e não resolvidas. Seria necessário fazer um levantamento, módulo a módulo, específico sobre essas demandas, pois, numa pergunta despreziosa sobre possíveis queixas de saúde, os representantes foram mencionando e chamando as pessoas de quem se lembravam no momento, o que indica que podem existir muitos mais casos não identificados. Eram pessoas com membros do corpo quebrados, tumores, balas alojadas, infecções na pele, hérnias, entre outros muitas demandas complexas e que não vinham sendo atendidas.

Outra constatação importante em relação à gestão da saúde se deu na inspeção do Módulo Acolhimento. No diálogo com as pessoas ali encarceradas, a equipe constatou que, muito provavelmente, a gestão da unidade prisional não dispõe de informações precisas sobre a quantidade de pessoas com demandas de saúde graves, tais como pessoas portadoras de HIV e pessoas com câncer. Apenas no Acolhimento, foram identificadas, pelo menos, duas pessoas que demandavam de fisioterapia constante e de alimentação pastosa.

Mais grave, ainda, foi a denúncia de que as medicações que deveriam ser disponibilizadas diariamente, em alguns momentos, chegam a ser interrompidas por até uma semana. São os coquetéis de HIV que não chegam, os medicamentos para pessoas em tratamento de câncer, os óculos receitados para a população idosa, itens básicos de higiene, camisinha, cadeiras de banho para cadeirantes entre outros itens que não são meros acessórios, ou opcionais, mas são itens garantidores de bem-estar, de proteção e de sobrevivência para as pessoas que deles demandam.

Ressalta-se, ainda, que, embora tais queixas tenham emergido, especificamente, no Módulo Acolhimento, não há como ter certeza de que estejam ausentes nos demais módulos. Isso fica ainda mais evidente pelo fato de que as primeiras pessoas do Acolhimento com quem a equipe conversou foram introduzidas pelo diretor da unidade, e o relato deles foi o de que não havia demandas de saúde nesse módulo. Apenas no contato com as demais pessoas encarceradas no mesmo lugar é que as queixas emergiram, o que dá indícios de que a relação de proximidade com a gestão pode ser um fator inibidor, ou mesmo constrangedor, de falas que tenham um teor crítico.

vi. Trabalho e escola



Segundo foi informado pelo diretor da unidade, o Baldomero conta com 300 pessoas que realizam trabalhos externos e internos. Destes, apenas os trabalhadores externos recebem salários. Segundo o diretor, existe uma falta de interesse generalizada, por isso, ao assumir a gestão, fez alterações na distribuição das vagas de emprego. Conforme relatou, muitos dos reeducandos estavam usando os espaços de trabalho para realizar atividades proibidas, alguns, ainda em suas palavras, devido ao vício e à necessidade de mantê-lo de alguma maneira.

Na escola, por sua vez, são 120 vagas, somadas a 20 do PRONATEC. As aulas ocorrem no espaço escolar, que dispõe apenas de 10 computadores, que ficam sendo revesados ao longo do dia. O diretor mencionou planos para o desenvolvimento de uma orquestra e para a ampliação da horta da unidade, com o intuito de aumentar as vagas educacionais, que também servem para a remissão de pena. Atualmente, todas as vagas ligadas à formação educacional são distribuídas entre os reeducandos do Acolhimento, possivelmente por se tratar de uma unidade em que há maior controle institucional dos comportamentos das pessoas ali encarceradas.

É preciso chamar a atenção, no entanto, para o descompasso na distribuição das vagas de trabalho e de educação. Por exemplo, no módulo que, supostamente, seria direcionado aos trabalhadores, dos 263 reeducandos ali encarcerados, aproximadamente, apenas 62 trabalhavam e 14 estudavam, o que é menos de 30% da população do módulo. Em outros módulos visitados, apenas os representantes trabalhavam, o que é importante de se mencionar considerando o fator de remissão de pena implicado no trabalho, e o constrangimento, observado pela equipe de inspeção, a possíveis críticas à gestão. Há que se considerar, ainda, que, numa unidade prisional em que havia apenas 8 policiais penais de plantão, a circulação de pessoas do lado de fora dos módulos deve ser, no mínimo, um fator de constante tensão e, possivelmente, um grande motivador para a exacerbação das interações violentas.

IV. Estratégias de manutenção

Diante do cenário descrito na sessão anterior, em que as possibilidades de existência das pessoas encarceradas estão constantemente atravessadas e pressionadas por variadas formas de precarização e violação de direitos, são variadas, também, as



estratégias mobilizadas por eles, individual ou coletivamente, para a sobrevivência na adversidade.

Em todos os módulos por onde a equipe passou, houve menções às pessoas que, por variados motivos, não recebem feiras ou itens de higiene de suas famílias. Nesses casos, dividir o alimento e os materiais de higiene entre si é, certamente, uma estratégia coletiva de ajuda mútua, de manutenção, ainda que precária, da vida. Trata-se de uma forma de garantir a alimentação e a higiene quando o básico falta.

As estratégias coletivas passam, também, pela manutenção do espaço que é compartilhado por centenas de pessoas, que desenvolvem dinâmicas de limpeza, de organização na distribuição de comida, no conserto da fiação etc. São formas de construir as condições de habitabilidade do espaço que está quase sempre lotado, sempre precisando de algum conserto, mas que é lido como perigoso, e, por isso, inacessível à manutenção formal.

As estratégias de sobrevivência passam, também, por saber ler os tempos e os contextos. Quando é possível e quando não é possível, por exemplo, pedir socorro para um companheiro que passa mal à noite. Evidentemente, a escolha é sempre arriscada, fica sempre no limiar entre perceber até onde o outro aguenta, até quanto se está disposto a suportar retaliações.

Trata-se, ainda, de saber quando, quanto e o que falar. Os silêncios são tão significativos quanto o que é dito. Apresentar queixas ou silenciá-las exige, também, um cálculo, ler o contexto em que algo pode ser ouvido, e por quem será ouvido. Assumir o risco de sofrer uma retaliação ou constranger possíveis discursos dissidentes é, também, uma forma de se manter em um ambiente de encarceramento, e também exige o cálculo de saber até que ponto uma queixa pode ser mantida em silêncio, e até que ponto expô-la pode ser menos arriscado do que continuar convivendo com violações. Diante dessas reflexões, no tópico a seguir, são algumas das queixas recebidas pela equipe que serão retomadas e pontuadas de maneira mais precisa.

i. Queixas e denúncias

Em relação à estrutura física, pontua-se, especificamente, a situação de superlotação dos módulos; a inadequação dos banheiros de muitas das celas, que não dispõem de vasos sanitários, por exemplo; e as condições retaliatórias de completa inadequação de, pelo menos, 2 das celas adentradas, a do Seguro e a do *tranca*, conforme já foram descritas na sessão



anterior, o que torna a permanência de pessoas nesses ambientes, ainda mais por muitos dias, inconcebível.

Em relação à alimentação, houve demandas solicitando a entrada de alimentos que foram proibidos na pandemia, como frutas e cuscuz, o que possibilitaria uma variação nutricional na dieta dos reeducandos.

Em relação à saúde, chama-se a atenção para a ausência de acompanhamento de uma série de demandas graves de saúde nos módulos, bem como para a falta de constância na entrada de medicamentos vitais para a sobrevivência de reeducandos que possuem doenças graves, além de itens de proteção, de higiene e da dificuldade da entrada de roupas íntimas – como calcinhas e sutiãs – especificamente para a população LGBTQIAP+, conforme também foi detalhado anteriormente.

Ainda em relação à saúde, segundo foi relatado por representantes de módulos, existe um espaço para atividades físicas, um campo de futebol, não aproveitado na unidade, espaço que poderia ser utilizado, também, para a manutenção da saúde, física e mental dos reeducandos.

Em relação à escola e ao trabalho, chama-se a atenção para a quantidade ínfima de vagas disponibilizadas para a população encarcerada na unidade prisional, queixa apresentada por um muitos reeducandos.

Pontua-se, ainda, duas queixas recorrentes entre os reeducandos: a ausência de acompanhamento de profissionais do serviço social, o que se evidencia, segundo eles, sobretudo, quando recebem a liberdade e saem da unidade sem qualquer preparação ou contato prévio com a família. E quase ausência de contato com os defensores públicos, de modo que ficam completamente alheios ao andamento de seus processos judiciais.

Por fim, uma das principais denúncias verificadas diz respeito ao caso de duas travestis, que se apresentaram como Luna Maju e Júlia Bia, que se encontravam encarceradas no Módulo V, fora do Acolhimento. O diretor da unidade explicou a irregularidade justificando que elas haviam sido flagradas em atividades proibidas, e, como punição estavam no módulo mencionado. Elas relataram, no entanto, que, ao sair do Acolhimento, no primeiro módulo onde foram encarceradas, sofreram assédios e abusos, uma delas teve o cabelo cortado e tiveram de manter relações sexuais com outros reeducandos para ter acesso a itens de higiene. Segundo relataram, ainda



estavam sem receber itens de higiene ou feira, e se encontravam sob muito constrangimento. É evidente que Luna e Júlia, fora do Acolhimento, estão sob grave risco de agressões e violações, o que torna a permanência delas no Módulo V insustentável.

V. Conclusões

Instituições de encarceramento, como o Baldomero Cavalcanti, são espaços de tensionamentos, de circularidade de violências, dos mais variados tipos, que transbordam para o seu entorno, constrangendo a vida de todos que atravessam seus muros. É possível propor, depois de uma inspeção como a detalhada anteriormente, que as violências que são mobilizadas e postas em ação pelos que se encontram em um lugar como o Baldomero podem se relacionar, também, às tensões, medos e instabilidades que se tecem nas relações possíveis de se estabelecer ali, diante das mais variadas formas de precariedade (tanto material e infraestrutural, quanto no reconhecimento de direitos e até nas condições de trabalho) que constituem essa unidade prisional.

Em outros termos, em um ambiente em que a precariedade, a negação e a violação são formas constitutivas das interações, dos tratamentos, da gestão, as relações possíveis de se estabelecer acabam por ser marcadas pelo temor e indisposição mútuos, pela ausência de reconhecimento do outro (sempre um outro radical) como alguém de direitos a serem respeitados, com uma vida a ser garantida de maneira digna. Violações, indiferenças e precariedades acabam por ser uma tônica quando se pensa em lugares como o Baldomero Cavalcanti, de modo a serem necessárias intervenções imediatas, mas também de longo prazo, para que, ao menos, a dignidade dos que por ali circulam possa ser garantida.

VI. ENCAMINHAMENTOS:

- i. Abrigar os pães e os alimentos em geral de maneira adequada, impedindo moscas, baratas e ratos. Alguns custodiados suscitaram que a comida azeda advém de os depósitos estarem sujos, melhorar o condicionamento e a lavagem destes recipientes.
- ii. Saúde de reeducandos que precisam de atenção:
 - a) Claudízio Alves da Silva, Módulo 5, Raio 4, Cela 06 – Braço.
 - b) Cícero Fábio Ferreira da Silva, Módulo 5, Raio 3, Cela 05 – Cabeça.
 - c) Cícero Simão de Lima, Módulo 5, Raio 1, Cela 1 – Hernia.



- d) José James Lourenço Pinheiro – Módulo 5, Raio 4, Cella 1.
 - e) Ueliton Ferreira de Araujo – Módulo 5, Raio 2, Cella 05 – Hernia.
 - f) Milton João dos Santos – Módulo 5, Raio 2, Cella 5 – Visão
 - g) Wagner Douglas Silva – Módulo 5, Raio 4, Cella 1 – Inflamação dos Ossos, sem medicação.
- iii. Concerto de todos os vasos e desentupimento, criação de um grupo de trabalho para atuação imediata em casos de entupimento.
 - iv. Construção de protocolos e capacitação para atendimento da população LGBTQIAP+, haja vista o desconhecimento do tratamento a ser dispensado a este público por parte da SERIS.
 - v. Aglutinação do público LGBTQIAP+ no módulo Acolhimento, não criando empecilhos e nem condições para habitação deste público neste espaço, considerando a sua vulnerabilidade. Cabe ressaltar também a necessidade de garantir suprimentos básicos para este grupo, além dos cuidados específicos que a comunidade demanda.
 - vi. Retorno imediato da entrega da Feira com os seguintes alimentos, tendo em vista a precariedade dos alimentos prestados pela SERIS, e a ínfima possibilidade de alimentos que os familiares podem entregar, neste sentido recomenda-se o retorno da entrega por parte dos familiares no dia da feira de: Queijo, presunto, ovos, cuscuz, melão e mamão.
 - vii. Implantação de colchonetes e entrega de material básico no Módulo Seguro, haja vista estarem desprovidos de qualquer suprimento básico.
 - viii. Equipe de enfermagem e escolta durante o período noturno, considerando as denúncias de que os reeducandos estão impossibilitados de requererem auxílio para os Policiais Penais durante a noite, tendo em vista que caso o façam a energia elétrica dos módulos é desligada, tornando o espaço prisional ainda mais insalubre. Cabe informar que esta denúncia foi a que motivou a inspeção e foi ratificada por vários reeducandos em diversos módulos.
 - ix. Envio e garantia de medicação de combate ao HIV, hipertensão, e demais medicações que são demandadas pelos reeducandos, consoante prontuário.